

Mal-estar na psicanálise¹

Marisa de Costa Martinez

Resumo

Questionamos, com estranhamento, o uso da psicanálise nas redes sociais e a busca incessante por curtidas, bem como o posicionamento de psicanalistas diante das inquietudes e subjetividades próprias de nossa época. Seria possível sustentar tal posicionamento e ainda assim manter o furo inerente à psicanálise? Notamos certa divisão e mal-estar na psicanálise, na qual se interroga o que é ser lacaniano: quem seriam os verdadeiros psicanalistas e os charlatões, ou, ainda, os bons e maus analistas, e, inclusive, quem são os analistas que verdadeiramente chegaram até o final de suas análises e os que não? Não seriam tais questionamentos uma forma de segregação? Ademais, Lacan (1960-1961/2010) adverte que “o analista deve se ausentar de todo ideal de analista”. Haveria uma forma de dar tratamento ao mal-estar de maneira desafetada e desprovida das ilusões? A formação do analista e seus dispositivos da Escola caminham na direção das análises: descolar, separar.

Palavras-chave:

Mal-estar; Psicanálise; Formação do analista; Descolar.

Discontent in psychoanalysis

Abstract

We question, with a sense of estrangement, the use of psychoanalysis on social media and the relentless pursuit of likes, as well as the positioning of psychoanalysts in the face of the unease and subjectivities characteristic of our time. Is such a positioning possible while still maintaining the gap inherent to psychoanalysis? We observe a certain division and discontent within psychoanalysis, in which questions arise about what it means to be Lacanian, who the true psychoanalysts are and who the charlatans are, or even who are considered good or bad analysts, and, furthermore, which analysts have truly reached the end of their analyses and which have not? Are such questions not a form of segregation? Moreover, Lacan (1960-1961/2010) warns that “the analyst must absent himself from

¹ Trabalho parcialmente apresentado no XXV Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil), intitulado “A formação do analista: urgência de nossa época”, Maceió (AL), 2025.

any ideal of the analyst.” Would there be a way to address discontent in a detached manner, free from illusions? The training of the analyst and its School devices move in the direction of analysis itself: to detach, to separate.

Keywords:

Discontent; Psychoanalysis; Analyst training; Detachment.

Malestar en el psicoanálisis

Resumen

Nos cuestionamos, con extrañeza, sobre el uso del psicoanálisis en las redes sociales y la búsqueda incesante de “me gusta”, así como sobre el posicionamiento de los psicoanalistas frente a las inquietudes y subjetividades propias de nuestra época. ¿Sería posible sostener tal posicionamiento y, aun así, mantener el agujero (furo) inherente al psicoanálisis? Notamos una cierta división y malestar en el psicoanálisis, en la que se interroga qué significa ser lacaniano: ¿quiénes serían los verdaderos psicoanalistas y los charlatanes, o bien los buenos y malos analistas, e incluso, quiénes son los analistas que verdaderamente llegaron al final de sus análisis y quiénes no? ¿No serían tales cuestionamientos una forma de segregación? Además, Lacan (1960-1961/2010) advierte que “el analista debe ausentarse de todo ideal de analista”. ¿Habría una forma de dar tratamiento al malestar de manera desafectada y desprovista de ilusiones? La formación del analista y sus dispositivos de la Escuela caminan en la dirección de los análisis: despegar, separar.

Palabras clave:

Malestar; Psicoanálisis; Formación del analista; Despegar.

Malaise dans la psychanalyse

Résumé

Nous nous interrogeons, avec un certain étonnement, sur l’usage de la psychanalyse sur les réseaux sociaux et la quête incessante de « likes », ainsi que sur la position des psychanalystes face aux inquiétudes et aux subjectivités propres à notre époque. Un tel positionnement est-il possible tout en maintenant le trou inhérent à la psychanalyse ? Nous constatons une certaine division et un malaise au sein de la psychanalyse, où l’on interroge ce que signifie être lacanien, qui seraient les véritables psychanalystes et les charlatans, ou encore les bons et les mau-

vais analystes, et, de plus, quels sont les analystes qui sont véritablement parvenus au terme de leurs analyses et ceux qui ne l'ont pas fait ? De tels questionnements ne relèveraient-ils pas d'une forme de ségrégation ? Par ailleurs, Lacan (1960-1961/2010) avertit que « l'analyste doit s'absenter de tout idéal de l'analyste ». Existerait-il une manière de traiter le malaise de façon désaffectée et dépourvue d'illusions ? La formation de l'analyste et ses dispositifs d'École s'orientent dans le sens même de l'analyse : décoller, séparer.

Mots-clés :

Malaise ; Psychanalyse ; Formation de l'analyste ; Décoller.

Tomem exemplo nisso e não me imitem.
(Lacan, 1975/2002, p. 44)

Não saio de dentro de mim nem pra pescar.
(Barros, 2013, p. 320)

Não fossem as divergências, separações, cismas, revoltas e reviravoltas, não haveria a psicanálise. Isso é válido desde os primórdios, com Freud, Breuer e Jung. A psicanálise nasce de uma ruptura com a tradição, e uma ética resulta disso. Ela faz uso do que as ciências jogaram no lixo: sonhos, chistes e atos falhos, e tudo de acordo com a invenção do inconsciente e seus tropeços. A psicanálise é o lugar dos desembaraços. Dessa maneira, seria mesmo o cúmulo do absurdo cogitar uma graduação em psicanálise, uma vez que a análise pessoal do analista é o primordial no que chamamos de uma formação em psicanálise. Só escutamos até onde fomos em nossa própria análise. A análise forma o analista.

Desse modo, estamos de acordo com Freud, quando diz:

Mas onde e como pode o pobre infeliz adquirir as qualificações de que necessitará em sua profissão? A resposta é: na análise de si mesmo (...). Essa análise terá realizado seu intuito se fornecer àquele que aprende uma convicção firme da existência do inconsciente, se o capacitar, quando o material reprimido surge, a perceber em si mesmo coisas que de outra maneira seriam inacreditáveis para ele. (Freud, 1937/2006, p. 265)

Ou seja, somente pela análise pessoal é possível extrair um bem-dizer de um mal-estar. Por isso, a aposta de uma formação está na análise pessoal, e, se quisermos falar isso de forma bem moderna, podemos recorrer ao *meme*, oriundo

das próprias redes sociais, que traz uma ilustração de uma situação embaraçosa com os dizeres “Freud, corre aqui!”. Há o mal-estar estrutural dos sujeitos e das instituições de psicanálise. Ambos trazem questões que não devem ser sufocadas, nem suprimidas. E, desse modo, diante delas, podemos prosseguir e perseverar. Por isso, apontam-nos Safouan, Julien e Hoffmann (1996, p. 9) que “não se deve fugir diante de um mal-estar: ele se descreve e se analisa”. Assim, é importante buscar na história suas causas.

Lacan (1971-1972/2000) brinca com o verso “Se todas as moças do mundo se dessem as mãos, poderiam dar a volta ao mundo?”. É uma ideia doida, porque, na realidade, as moças do mundo nunca pensaram nisso, responde o próprio Lacan. Os psicanalistas, como as mulheres, não são de se darem as mãos. Pelo contrário, a psicanálise se funda na discordância. E isso não foi diferente com Lacan, que funda seu ensino justamente na crítica ao dogmatismo e à ortodoxia da técnica psicanalítica. Os únicos momentos históricos em que todas as instituições sérias da psicanálise deram-se as mãos foram justamente naqueles para confrontar a regulamentação da psicanálise, como o Movimento Articulação — e isso não é pouca nem qualquer coisa.

A separação está na história da psicanálise no que diz respeito às suas instituições, mas sobretudo está no cerne daquilo a que uma psicanálise se propõe. Nessa esteira, temos os exemplos de Freud (1920/2006), vendo sua neta brincando de *fort-dá*, para simbolizar a separação de uma mãe, e o do passe, que é o coração de nossa Escola de psicanálise e que se ocupa justamente de dar provas dos finais de uma análise, ou seja, do ato de o analisante separar-se de seu analista, com seu estilo, e não como uma identificação ao saudável analista, como propunha a Associação Psicanalítica Internacional (IPA, do inglês International Psychoanalytical Association). Outro célebre exemplo de separação está na anedota utilizada por Freud dos porcos espinhos, que, se ficam distantes demais, congelam, e se demasiadamente próximos, espetam-se (Freud 1921/2006).

Para Dominique Fingermann (2016, p. 53), o saber do discurso universitário, o “que pode”, é um saber “canalha”. Assim, entendemos que ponderar uma graduação em psicanálise é sobretudo uma canalhice, uma *psicanalhice*. Pois, ao contrário, o saber do psicanalista é um saber da impotência, um saber que não se sabe. Não há ensinamento possível sem a experiência prévia do analista na posição de analisante. Por outro lado, para Fingermann (2016, p. 59), a “transformação de um analista pela sua análise pessoal não o dispensa do estudo da teoria”. O não saber do analista não é justificativa para a ignorância. O saber da impotência não é contraditório à imensa lista que Freud e Lacan nos orientam a estudar: literatura, religião, antropologia, matemática, linguística etc. A autora ainda lembra que, inclusive na psicanálise em extensão, os psicanalistas devem ser coerentes com

sua ética. Por isso, precisamos nos interrogar quando nos autorizamos em ato, o que não é sem risco (Fingermann, 2016). No entanto, está nos princípios diretivos que em um Fórum e na cidade dos discursos os analistas precisam estar à altura de seu tempo.

Questionamos, com estranhamento, o uso da psicanálise nas redes sociais e a busca incessante por curtidas, bem como o posicionamento de psicanalistas diante das inquietudes e subjetividades próprias de nossa época. Seria possível sustentar tal posicionamento e ainda assim manter o furo inerente à psicanálise? Lacan, em seu tempo, esteve em *Televisão* (Lacan, 1973b/2003) e *Radiofonia* (Lacan, 1973a/2003), mas não respondendo diretamente ao que lhe era perguntado. A forma singular de como se transmite a psicanálise passa pela ética reiterada, mas também pelo estilo de cada um, sendo um modo pelo qual a psicanálise pode avançar. O importante é seguirmos nos interrogando, uma vez que a formação do analista é sempre continuada.

Para Lacan, ainda, uma psicanálise é destinada ao fracasso, e isso constitui seu sucesso, uma vez que o nome que Freud dá ao fracasso é castração, falta, furo. Aquele inicia seu *Seminário 27*, no ano 1980, fazendo um jogo fonético com dissolução (*dissolution*). Qual seria a solução para o mal-estar na formação do analista? Ele nos traz que uma primeira possibilidade seria evitar uma transformação em Igreja, já que foi nessa crítica à IPA, com seus rituais de número e duração de sessão, que se fundou a Escola lacaniana, dizendo, ainda, que “a religião é a moradia original do sentido... tento-me opor a isso para que a psicanálise não seja uma religião, como é sua tendência irresistível” (Lacan, 1980, p. 54).

Em sua carta de dissolução, Lacan concluiu que a Escola estava na contramão do que havia fundado e por isso mantinha a lâmina cortante de verdade do que Freud instituiu e nomeou como psicanálise. No texto “O mal-entendido”, o autor retoma que na psicanálise se explora o mal-entendido, na medida em que nem tudo pode ser revelado, uma vez que a revelação é a do fantasma. Alimentar um mal-entendido seria justamente um seminário perpétuo (Lacan, 1980).

Notamos certa divisão e um mal-estar na psicanálise, na qual se interroga o que é ser lacaniano, quem seriam os verdadeiros psicanalistas e os charlatões, e, inclusive, quem são os analistas que verdadeiramente chegaram até o final de suas análises e os que não chegaram. Não seriam tais questionamentos uma forma de segregação? Sidi Askofaré (2019) nos conta do “acontecimento Lacan”, que ocorreu na França a partir do século XX, que consistia em uma divisão entre o não ser “lacaniano” e os “verdadeiros lacanianos”, os lacanianos “autênticos” e os “apócrifos”, e quem sabe os “bons” e “maus” lacanianos. O autor defende que é problemático falar em “ser lacaniano” tanto quanto em “ser analista”. Inclusive, Lacan (1960-1961/2010, p. 469) nos adverte que “o analista deve se ausentar de

todo ideal de analista”, uma vez que “o que é o analista?” é uma pergunta impossível de responder.

Que estejamos de acordo com a orientação do Ensino de Lacan e da obra de Freud não significa que não haja mal-estar em nossa Escola de psicanálise. É como questiona Marc Strauss, na apresentação do livro *A de-formação do psicanalista*: “Podemos impedir os psicanalistas de brigarem entre si? Eis a questão secreta que corre sob a do fim da análise (...) antes de tudo, é inútil sonhar com isso (...) há disputas entre psicanalistas como há castrações: uma vez reconhecidas como inevitáveis, elas perdem seu caráter passional” (Fingermann, 2016, p. 14). Haveria, então, uma forma de dar tratamento ao mal-estar de maneira desafetada e desprovida das ilusões?

Nesse mesmo sentido, Freud (1927/2006, p. 63) termina magistralmente seu texto “O futuro de uma ilusão” dizendo “Não, nossa ciência não é uma ilusão. Ilusão seria imaginar que aquilo que a ciência não nos pode dar, podemos conseguir em outro lugar”. Então, um analista é esse que pode acomodar-se com o Real, com o furo, com o impossível, sem ilusões. Desse feito, a saída não é a de todos os analistas darem as mãos, o que seria, tão logo, fazer a relação sexual existir. Diferentemente, apostar na psicanálise é um percurso que aponta para a queda das ilusões, sem cola. E é precisamente da sentença da castração e da inexistência da relação sexual que se trata na psicanálise. Não há proporção sexual entre os sexos, nem entre os seres, e isso não é diferente dentro de uma Escola de psicanálise.

Francina Sousa, em recente trabalho apresentado no evento “Travessias em Cartéis”, pelo Fórum do Campo Lacaniano do Mato Grosso do Sul (FCL-MS), diz:

Há o mal-estar, que não é demérito de um ou outro, mas é mal-estar da cultura, da civilização, e que advém do fato de sermos seres falantes, é algo experimentado por todo aquele que paga sua libra de carne ao fazer sua entrada na linguagem. (Sousa, 2025)

Nas palavras de Lacan (1971-1972/2000, p. 35), “não há relação sexual para os seres que falam”. O mal-estar é inerente à própria divisão do sujeito. Lacan, no início de seu ensino, critica Balint, que acreditava em uma harmonia. Com Freud (1923/2006), sabemos que a pulsão de morte deseja ficar em paz. Diferentemente, Eros, o amor e a vida, é justamente “o promotor das desordens” (Freud, 1923/2006, p. 71).

Para Lacan (1980, p. 47), “não há verdade para responder ao mal-estar que é particular a cada um daqueles que eu chamo seres falantes”. Mal-estar esse que normalmente gira em torno de ser desejado ou não, ser reconhecido ou não. Assim, não há resposta que acomode os sujeitos em suas questões imaginárias, nar-

císicas, competitivas: “direi que meço o efeito de grupo pelo que ele acrescenta de obscenidade imaginária ao efeito de discurso” (Lacan, 1972/2003, p. 475). Então, para que não se caia nessa obscenidade imaginária, é preciso que não haja mãos dadas nem cola entre elas.

Em “D’écolage”, presente em *O seminário, livro 27*, Lacan (1980) joga com a homofonia entre descolagem (*decollage*), decolagem, d’a escola (*d’écolage*, derivado de *école*). Uma Escola de psicanálise funciona a partir da permutação, a fim de evitar esse efeito de cola, para que “se desliguem antes de ficarem grudados irremediavelmente” (Lacan, 1980, p. 54). Ainda que o mal-estar seja particular de cada um — e que o analista se autorize de si mesmo —, “isso não impede que a Escola garanta que um analista depende de sua formação” (Lacan, 1967/2003, p. 248). Desse modo, temos aqui um paradoxo: um analista é aquele que precisa questionar a si mesmo o tempo todo; contudo, por outro lado, para estar em uma Escola, é preciso estar orientado e advertido com as demandas do coletivo. Assim, a formação do analista e seus dispositivos de Escola caminham na direção das análises: descolar, separar.

Retomando o que Lacan (1949/1998, p. 103) diz no final de um de seus primeiros textos, e não menos importante por isso, “o fiel da balança psicanalítica, quando se depara com ‘a ameaça em comunidades inteiras’, dá-nos o índice do amortecimento das paixões da pólis”. Coloca a “junção da natureza com a cultura”, que nossa época investiga obstinadamente como algo que a psicanálise reconhece como “nó de servidão imaginária”. E conclui afirmando que o recurso da psicanálise preserva do sujeito ao sujeito, pois é ela que acompanha o paciente até o limite do “tu és isso”, para então começar “a verdadeira viagem” (Lacan, 1949/1998, p. 103). Haveria, então, ao menos dois lados da balança do analista: o mal-estar na civilização de cada época, o qual cairia em uma servidão imaginária, e o tratamento ao mal-estar de cada sujeito, que, despindo-se de suas alienações ao Outro, poderá fazer uma verdadeira viagem.

Embora Lacan (1964/2003) coloque a Escola de psicanálise como refúgio contra o mal-estar da civilização, Fingermann (2016) entende que concerne à Escola de psicanálise uma constituição de zona de desconforto, e, por isso, justificam-se tanto sua vulnerabilidade quanto seu princípio fundamental de dissolução, com seus rompimentos danosos do laço e do pacto associativo. Pois uma comunidade de psicanálise é de pares/ímpares, os “esparcos disparatados” (Lacan, 1976/2003, p. 569). Por outro lado, não é justamente esse pertencimento a uma escola de díspares que faz o mais do analista que se autoriza de si mesmo e de outros? Fingermann ainda denuncia os analistas charlatões, os que utilizam do autorizar-se de si mesmo de forma cínica. São, nessa esteira, os que deixam de lado a necessidade de que o estudo, a análise e a supervisão precisam estar articulados em uma Es-

cola, na qual, além de dar provas de sua prática de analista, confronta-se com a diferença e o *heteros* que nela estão. É sustentando o *heteros* de uma Escola que não fazemos cola e que cada analista pode comparecer com sua singularidade.

Lacan (1980, p. 47) diz ainda: “não espero nada das pessoas, apenas alguma coisa do funcionamento”. Desse modo, nossa aposta deve estar nos fóruns orientados à Escola e seus dispositivos, ou seja, no trabalho. Então, que um analista se desacomode, desassossegue com a finalidade de que o trabalho continue. Assim, parafraseando Raul Seixas, “A solução pro nosso povo eu vou dar”: trabalhar!

Em uma entrevista para o Instituto Gerar, em 2023, Dominique Fingerman diz que, no fim das contas, o que se espera é um analisante que se questione sobre sua angústia, seu sofrimento, e que a passagem a analista se dê também sobre uma interrogação como um analista sempre jovem e que se questiona sobre sua prática. Tal como o sul mato-grossense Ney Matogrosso, com seu rebolado e vitalidade sempre jovens, o re-bolado do analista é questionar-se.

Freud (1927/2006, p. 186) deixa em aberto a ótima questão: “o que faz o senhor com seus pacientes?”. E Lacan (1953-1954/2009, p. 19) a refaz a seu modo: “o que fazemos quando fazemos análise?”. Tais questões apontam para o posicionamento ético que se espera na psicanálise, que visa a uma construção de saber sobre o inconsciente. Lacan é aplaudido de pé ao final da jornada de cartéis, em 1975, dizendo que espera que a psicanálise continue, o tempo que for necessário, como sintoma! Desse modo, esse sintoma não precisa ser erradicado, mas analisado, e com ele inclusive se identifica. Pois a Escola de psicanálise é um *sinthoma* em direção a uma formação continuada, com a finalidade de que os sintomas dos analistas não atrapalhem por demais seu funcionamento. Pertencer a uma Escola é para sempre questionarmos sobre nossa formação de analista e as formações do inconsciente — sobre as nossas, muito mais do que as dos coleguinhas. Não se trata, em psicanálise, de jogar pedra na *geni-tora*,² tampouco de fazer uma caça às bruxas. Ao contrário, a psicanálise só acontece quando nos questionamos sobre nossa responsabilidade em nossas queixas.

Como diz outro *mime* das redes sociais, “o sangue de Lacan tem poder!”. O poder da impotência, a saber. E, para concluir, cito o que Freud disse a Reik, na despedida deles, já com idades avançadas, por conta da guerra, e lembrando que foi a partir da acusação de charlatanismo dirigida a Reik, um não médico, que Freud (1927/2006) escreve “A questão da análise leiga”. Conta Reik (1976, p. 467), então, que Freud lhe havia dito que “as pessoas não precisam colar uma nas outras quando elas vão juntas”.

2 Trocadilho com a música de Chico Buarque, “Joga pedra na Geni”, e com genitora, ou mãe, queixa presente nas análises e nas lembranças mais marcantes do sujeito.

Referências bibliográficas

- Askofaré, S. (2019, 8 de dezembro). Lacan... Ou ser seu contemporâneo. *Lacuna: uma Revista de Psicanálise*, (8), 7. Recuperado de <https://revistalacuna.com/2019/12/08/n-8-07/>
- Barros, M. de. (2013). Livro sobre o nada. In M. de Barros. *Poesia completa*. São Paulo: Leya.
- Fingermann, D. (2016). *A (de)formação do psicanalista: as condições do ato psicanalítico*. São Paulo: Escuta.
- Freud, S. (2006). Além do princípio do prazer. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (2006). Psicologia de grupo e análise do ego. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (2006). O ego e o Id. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2006). A questão da análise leiga. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927)
- Freud, S. (2006). Análise terminável e interminável. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XXIII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937)
- Instituto Gerar. (2023, 5 de dezembro). Entrevista com Dominique Fingermann. *Revista Traço* [vídeo]. YouTube. Recuperado em de <https://www.youtube.com/watch?v=oFoX-HFMHE>
- Lacan, J. (1980). *O seminário, livro 27*. Inédito. (Publicação não comercial)
- Lacan, J. (1987) Jornada de estudo dos cartéis da Escola Freudiana. In *Letra Freudiana Escola, Psicanálise e Transmissão, Documentos para uma Escola*. (Circulação interna de 1975)
- Lacan, J. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 96-103). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1949)
- Lacan, J. (2000). *O seminário, livro 19: o saber do psicanalista*. São Paulo: Associação Freudiana Internacional. (Trabalho original publicado em 1971-1972)
- Lacan, J. (2002). *Textos complementares ao Seminário 22 – RSI*. Edição não comercial destinada aos membros da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano. São Paulo. (Trabalho original publicado em 1975)
- Lacan, J. (2003). Ato de fundação. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 235-247). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)

- Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 248-264). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1967)
- Lacan, J. (2003). Aturdido. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 448-497). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1972)
- Lacan J. (2003). Radiofonia. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1973a)
- Lacan J. (2003). Televisão. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1973b)
- Lacan, J. (2003). Prefácio à edição inglesa do Seminário 11. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 567-569). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1976)
- Lacan, J. (2009). *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1953-1954)
- Lacan, J. (2010). *O seminário, livro 8: a transferência* (2a ed.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1960-1961)
- Reik, T. (1976). *Écouter avec la troisième oreille*. Paris: EPI S.A. Éditeur.
- Safouan, M., Julien, P., & Hoffmann, C. (Orgs.) (1996). *O mal-estar na psicanálise*. Campinas: Papirus.
- Sousa, F. (2025, 27 de junho). *O cartel como dispositivo de escola e a solidão do cartelizante*. (Trabalho apresentado na Travessias em Cartéis do FCL-MS). Campo Grande, Brasil.

Recebido: 23/02/2026

Aprovado: 27/03/2026